

Rio, 06 de maio de 2024

Meu nome é Bruno Toussaint Pereira e sou morador da região do Jardim de Alá desde 1968. Em 2000 fui um dos idealizadores e fundadores da Associação de Moradores e Amigos do Jardim de Alá – AMAJÁ, que é apartidária e sem fins lucrativos. Fui também o presidente da associação por muitos anos. É esta mesma associação, sob nova direção e CNPJ, que vem há alguns anos lutando contra os mais novos e descabidos projetos da Prefeitura ao combalido Jardim de Alá.

A Associação foi criada com o objetivo de preservar o Jardim de Alá e formalizada para fazer valer um princípio jurídico e legal, aliás sem o qual nenhuma sociedade que se considere minimamente organizada e civilizada pode existir. Me refiro a manutenção e preservação de uma área verde que foi e é tombada *em caráter definitivo municipalmente pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*: o Jardim de Alá.

A cidade do Rio de Janeiro, como poucas no Brasil, tem um olhar preservacionista, não fosse assim não teríamos inúmeros palácios, casas históricas, igrejas, conventos, terreiros, praças, parques e costumes tombados e preservados pela Prefeitura para a alegria e desfrute da população carioca e visitantes.

Nossa associação, seus membros e a população em geral não conseguem entender as inúmeras tentativas, cada vez mais agressivas como a atual, da própria Prefeitura de desfazer o que foi muito bem feito legalmente por ela própria no passado. Me refiro ao presente projeto de transformar uma praça, o Jardim de Alá, uma área verde, repito tombada, em estacionamento, praça de alimentação, quiosques, restaurantes, lojas, anfiteatro e local para shows. Esta escolha ilegal da Prefeitura inclusive vai na contramão da tendência e necessidade mundial que é a preferência de ter e bem manter áreas verdes, agradáveis e que possibilitem um mínimo de contemplação tão importantes atualmente para a saúde mental da população e não complementarmente adensar as regiões baseado no transporte de carros, por exemplo.

O mecanismo perverso utilizado pela Prefeitura nos últimos anos é muito claro aos nossos olhos: ao invés de realizar o que é de sua competência que é manter limpa, iluminada, segura e com uma programação de uso compatível com uma área verde e sua localização, ela faz exatamente o oposto. A Prefeitura deixa o Jardim de Alá descuidado, mal iluminado, sem segurança e conseqüentemente sem utilização pela população. Desta forma ela cria uma justificativa “salvadora” para tentar impor a população, indo contra a lei do tombamento e ao bom senso, um projeto que entrega a área verde e pública para a iniciativa privada fazer um projeto milionário e altamente lucrativo para seus realizadores e exploradores com atividades que são completamente incompatíveis com uma área verde tombada e em região, entre Ipanema e Leblon, já extremamente adensada.

Finalmente escrevo aqui o que há anos vimos pedindo a Prefeitura: além de boa conservação e segurança do Jardim de Alá que a Prefeitura apresente ou aprove projetos de ocupação de baixo impacto para a área, o que claramente aumentaria sua frequência e estima por parte da população.

Grato,

